

“O Padre Fundador reuniu os seus companheiros em uma comunidade que quis modelada nos exemplos dos primeiros cristãos e dos apóstolos.”

(Const. 27)

RECOMEÇANDO DA VIDA COMUM

*CARTA DO SUPERIOR GERAL
ANO 2003*

Legenda

CF: “*Constituições de S.Gaspar Bertoni*”

Cost.: “*Constituições da Congregação dos Sagrados Estigmas de N.S:J.C.*”

VFC: “*Vida Fraterna em Comunidade*”

Instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostolica (1994)

VC: “*Vita Consecrata*”

Esortação Apostolica pòs-sinodal de Jaoão Paulo II. (1996)

RCD: “*Partir de Cristo*”.

Instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostolica (1994) (2002)

INTRODUÇÃO

Caríssimos confrades,

Em junho de 2004 teremos um acontecimento importante para a vida da Congregação: o encontro internacional sobre a vida religiosa estigmatina.

Será um convite providencial no sentido de refletir sobre a nossa consagração religiosa na família estigmatina para reavivar em todos o entusiasmo, o vigor e a esperança a exemplo da primeira comunidade que vivia com São Gaspar.

Espero que participem deste encontro o maior número possível de confrades, representando as diversas realidades, culturas e tradições de nossa congregação, para contribuir pessoalmente à renovação e conversão comum.

Durante este ano, como preparação a este encontro, proponho a todos os confrades algumas reflexões.

Não pretendo fazer um tratado de Vida Religiosa: os últimos documentos da Igreja (*Vida Fraterna em Comunidade*, 1994; *Vida consagrada*, 1996; e *Partir de Cristo*, 2002), são suficientemente ricos de conteúdo.

A consagração a Deus na vida religiosa deve colocar suas raízes na vontade e no desejo de caminhar na direção da santidade e perfeição cristã do amor a Deus e ao próximo. O documento *Partir de Cristo* diz o seguinte:

“É mister, portanto, aderir sempre mais a Cristo, centro da vida consagrada, e retomar com vigor um caminho de conversão e de renovação que, como na experiência primitiva dos apóstolos, antes e depois da Sua ressurreição, foi um partir de Cristo”. (PDC 21)
“Partir de Cristo significa então reencontrar o primeiro amor, a centelha inspiradora da qual se começou o seguimento. É dele o primado do amor. O seguimento é somente resposta de amor ao amor de Deus...Os conselhos evangélicos têm sentido enquanto ajudam a guardar e a favorecer o amor pelo Senhor em plena docilidade à sua vontade”. (PDC 22)

Eu partilho dessas reflexões, mas elas não serão objeto direto desta carta.

De minha parte, à luz da experiência que adquiri durante a visita canônica em diversas províncias e do contato pessoal com tantos confrades, gostaria de me ater a um aspecto particular da vida religiosa: a vida comum; e retomar os sinais de alegria e de dificuldades que caracterizam a vida cotidiana de nossas comunidades em várias partes do mundo.

Cito o documento *Vita Consecrata*:

“A profissão religiosa é expressão do dom de si a Deus na Igreja, mas de um dom vivido na comunidade de uma família religiosa. O religioso não é somente um “chamado” com uma vocação individual, mas è um “convocado” a viver com outros com os quais partilha a existência cotidiana.

Portanto, a vida comunitária é um elemento essencial em nossa escolha de consagração a Deus.

No decorrer do texto, pretendo mostrar, na vida do Fundador e em suas Constituições, as motivações profundas que o levaram a fundar, na igreja dos Estigmas, um grupo que se dispunha a viver juntos (primeira parte) e depois, à luz deste modelo de vida comunitária (segunda parte), vou oferecer algumas reflexões para a nossa realidade atual.

Os Santos Esposos, nossos padroeiros e modelos de comunhão de vida, São Gaspar Bertoni, de quem hoje concluímos a celebração do sesquicentenário de sua morte, intercedam por nós para que o Espírito nos dê energia vivificante para a vida religiosa estigmatina.

Roma, 12 de junho de 2003.

Introdução

Expressão de uma dificuldade comum: um sentimento que provei durante as minhas visitas às comunidades.

De um lado, diversas províncias vivem momentos de esperança e alegria devido ao número crescente de vocações, incremento de confrades e desenvolvimento das obras e da vida apostólica; de outro lado vivem momentos de dificuldade decorrentes de problemas pessoais e comunitários.

Alguns confrades se sentem desmotivados no interior da comunidade, fechados dentro de si mesmos, sem uma convicção clara da vida religiosa e da própria consagração. Parecem mais padres diocesanos que membros de uma família religiosa! São confrades que entram em crise quando são transferidos a outra comunidade ou confrades que, quando não lhes dão o que querem (aquela determinada comunidade ou trabalho apostólico), colocam em questionamento a sua opção de vida.

Há comunidades onde o sentimento de pertença à Congregação estigmatina e ao seu projeto de vida é tão frágil que quase não existe.

Os momentos intensos de vida onde pertencer à Congregação é coisa sem importância e pode-se mudar completamente de idéia e abandonar tudo do dia para a noite, mesmo depois de tantos anos de convivência.

O último capítulo geral, acolhendo as observações de diversas províncias sintetizadas no documento preparatório e considerando a perda de sentido da vida religiosa, estimula-nos com um apelo:

“Reunidos ao redor da palavra de Deus e de nossas Constituições, somos chamados a renovar a força e o fundamento das motivações de nosso viver em comunidade”. (Cap. Geral XXXIV, 1ª parte: A Palavra de Deus)

Desafios de uma nova realidade e dificuldades de uma nova mentalidade

Muitas coisas se transformaram nestes últimos anos na vida religiosa e comunidade.

✧ Nova configuração das comunidades religiosas

Em muitas situações (também no ambiente estigmatino) as grandes comunidades sofreram redução de pessoal e contemporaneamente perderam consistência, sobretudo em alguns continentes: comunidades pequenas constituídas de poucos religiosos que atuam em obras não pertencentes ao próprio Instituto (de modo especial paróquias). Esta realidade reflete notavelmente no estilo de vida comum, provocando mudanças na concepção e no desenvolvimento tradicional de vida religiosa.

✧ Modo de compreender e de viver o próprio trabalho

A dimensão comunitária da vida religiosa tende a se enfraquecer levando a considerar a vida fraterna em comunidade como um obstáculo ao próprio apostolado ou um mero instrumento funcional.

De outro lado, o desejo sincero de servir à Igreja, o apego às obras do Instituto, os constantes pedidos da Igreja particular podem facilmente conduzir religiosos a sobrecarregar-se de trabalho, com uma constante diminuição da disponibilidade de tempo para a vida comum. Atividades na paróquia, na escola, em uma obra de apostolado são usadas como “desculpas” para não participar da vida comum.

Em um mundo secularizado, ser sacerdote é compreendido como o exercício de uma atividade ou de uma determinada profissão e não como exercício de uma missão evangelizadora, como se fosse possível aposentar-se depois de um tempo de trabalho ou atingindo uma certa idade.

☞ Uma nova concepção da pessoa

No período após o Concílio também na vida eclesial se valorizava muito a pessoa humana: reconquista e defesa de seus direitos. Concomitantemente renascia o sentido de comunidade como vida fraterna que se baseia mais na qualidade dos relacionamentos pessoais do que nos aspectos formais da observância de normas. Basta recordar nas novas constituições nascidas depois do capítulo de 1970 a importância e a paixão com que era descrita a vida comunitária.

Com o passar dos anos este entusiasmo diminuiu e

se difundiu com maior ou menor intensidade, segundo as várias regiões do mundo, também o individualismo, sob as mais diversas formas: a necessidade de protagonismo e a insistência exagerada sobre o próprio bem-estar físico, psíquico e profissional; a preferência pelo trabalho independente e pelo trabalho de prestígio e de nome; a prioridade absoluta dada às próprias aspirações pessoais e ao próprio caminho individual, sem pensar nos outros e sem referências à comunidade. (VFC 39).

A nossa consagração religiosa partindo da vida comum

“O Padre fundador reuniu os seus companheiros em uma comunidade que quis modelada nos exemplos dos primeiros cristãos e dos apóstolos.” (CF 189). Cada confrade vive sua consagração apostólica na casa religiosa em comunidade, como em uma família reunida em nome do Senhor, colocando em comum, em benefício de todos, os próprios recursos.

A comunidade se oferece aos confrades como o ambiente mais idôneo para a plena maturação de cada um (Const. 27).

Esta Constituição admirável é fundamental na descrição sintética da visão completa do ser religiosos estigmatinos!

O centro de nossa consagração religiosa é Cristo. A nossa consagração a Ele é a base da nossa escolha de vida. É neste contexto que se desenvolve o caminho da nossa história de santidade, da nossa resposta ao amor de Deus. Concretamente nossa consagração religiosa se encarna em uma determinada congregação, no nosso caso, os estigmatinos.

Na história da vida religiosa são muitos os carismas e nós fomos conduzidos pela providência a encontrar um e escolher este para a nossa vida. Não existe consagrado a Deus, senão dentro de uma congregação à qual pertence.

Todos nós temos uma história a narrar: como conheceu os estigmatinos e como eles vieram a fazer parte de sua vida. A providência de Deus, às vezes, através de acontecimentos simples, conduziu-nos a este encontro (através da figura de um religioso estigmatino, ou da pregação de uma missão em nossa paróquia, ou vivendo numa paróquia conduzida por uma comunidade estigmatina, etc.).

Por isso consagrar-se a Deus na vida religiosa significa pertencer a uma determinada família religiosa e assumir o seu projeto de vida e apostolado.

Para reafirmar este pensamento tomo uma imagem que me foi inspirada a partir do comentário da Const. 27.

Um religioso que se consagra a Deus é como um aluno que aprendeu a tocar um instrumento: deve encontrar um lugar apropriado no qual possa exprimir sua capacidade, seus dons.

“A comunidade é como uma orquestra, a consagração é como a preparação de cada instrumentista. A consagração forma um bom violinista: a vida na congregação é como tocar na orquestra. Portanto, a consagração é uma etapa insubstituível na formação do religioso, mas ela tem o seu desfecho na comunidade, da mesma forma como o instrumentista que, depois de formado, sonha em tocar numa renomada orquestr.” (cf. Comentário às Constituições, Província Sagrado Coração, Verona, maio de 1991).

PRIMEIRA PARTE

A vida e o pensamento do Fundador

A COMUNIDADE DOS ESTIGMAS

Quanto foi desejado e preparado este sonho de viver juntos!

Há algum tempo um grupo de sacerdotes já se reunia na casa de nosso Fundador para estudar, dialogar, discutir juntos temas de teologia, moral e vida apostólica.

“O arcepreste Galvani sim que é tudo Santo Inácio. Ofereceu-me os Estigmas como lugar oportuno para constituir uma congregação de padres que vivam sob as regras de S. Inácio.”(P. Nello Dalle Vedove, *Vida de S. Gaspar*, p. 181).

O seu primeiro discípulo, Pe. Marani, referindo-se às origens da Congregação, escrevia que Pe. Gaspar «logo começou a escrever as regras segundo o costume dos religiosos (*more religiosorum*) de perfeita observância e perfeitíssima vida comum, como era o desejo de todos nós» **(Pe. Nello Dalle Vedove, *Vita di San Gaspare*, p. 188)**

A comunidade dos Estigmas foi a primeira comunidade religiosa masculina, mesmo sem plena aprovação jurídica, restabelecida em Verona depois da supressão dos institutos religiosos feita por Napoleão e reconhecida pelo governo austríaco.

O objetivo de nosso Fundador era duplo:

✍ **Consagrar-se a Deus numa vida de santidade e perfeição**

Em meio aos seus problemas de saúde, Pe. Gaspar não descuidava de suas ocupações. Com uma mão – escreve o seu biógrafo – empenhava-se nas aulas e em outros ministérios mais relevantes e com outra cuidava de constituir e formar no espírito seus caríssimos filhos, que em número crescente, aderiam à sua família religiosa.

“O primeiro destaque a dar é o da alegria e serenidade com que os primeiros companheiros de Pe. Gaspar conduzem um gênero de vida dos mais rígidos e austeros. O santo Fundador faz de tudo para colocar sólidos fundamentos de vida interior nos seus filhos, que quer *monges em casa e apóstolos fora*, dedicados à oração e ao estudo, para estarem prontos a comunicar às almas as riquezas adquiridas na contemplação. O isolamento dos Estigmas, localizado fora das muralhas que protegiam a cidade e sobre um pequeno monte, o transformava num lugar solitário, adequado ao recolhimento. Quando os alunos iam embora, depois das aulas da tarde, o lugar se tornava deserto.” **(Pe. Nello Dalle Vedove, *Vita del Bertoni*, p. 200)**

✍ **Reunir as forças em vista de um apostolado mais eficaz e profícuo**

Primeira medida a ser tomada: é preciso congregar, reunir muitos operários do Evangelho sob o mesmo Espírito. A união faz a força. Enquanto estivermos isolados e cada um buscar o próprio interesse (cf. Fil 2, 21) não obteremos nada, seremos vencidos um por um.

Quando nos unirmos procurando os interesses de Jesus Cristo, então obteremos tudo, venceremos todas as coisas. Por isso Nosso Senhor dizia: “Peço-te, ó Pai, que sejam um como nós “ (Jo 17, 11.21). É necessário não só “encontrar” os companheiros do próprio zelo, mas antes “fazê-los”, e em certo sentido atraí-los a si, mesmo os mais tímidos. Quem ouve, diga: Eis-me aqui” (Meditações aos seminaristas, Ms 6576; Gramática n. 308)

Dever-se-á também examinar o propósito e a vocação de cada um. Não se tome qualquer um, mas os melhores, aqueles que se distinguem pelo seu amor para com Deus e para com o próximo; estes são escolhidos como companheiros de missão.

É oportuno formar, da massa dos bons, uma equipe de trabalhadores perfeitos na confissão da verdadeira fé e na prática de todas as virtudes, imitadores da vida apostólica; para que, com esta equipe bem compacta, se possa ir em socorro dos irmãos e à luta contra o demônio. (Gramática n. 308; Ms 6583)

A vida nos Estigmas

A exuberante página de Pe. Schloer, de passagem por Verona, abre uma agradável janela sobre a vida desta comunidade:

O seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, homem de grande tino e piedade, sabe conduzir sua comunidade com tal suavidade de maneiras e com tal firmeza, que um só espírito os anima e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde.

Se você conversa com eles, percebe que cada um, no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior, é um retrato fiel do outro. Se quer saber o que neles se torna principalmente digno de nota, direi que é a humildade, a caridade, o trato afabilíssimo.

Levam uma vida mortificada e de muita pobreza. O quarto de cada um e os móveis são extremamente simples; mas por toda a casa há um tal esmero e ordem, que dá gosto de ver. Em particular a igreja foi restaurada maravilhosamente e resplandece de beleza e limpeza. Na sua igreja os padres desta comunidade pregam toda semana e se aplicam muitíssimo ao ministério da confissão. Mantêm em sua casa uma escola, ou ginásio público, onde gratuitamente educam um bom número de jovens.

*Não aceitam ofertas de quem quer que seja nem de espécie alguma. Um desinteresse tal, como convém a sacerdotes, atrai sobre eles um grande respeito da parte de todos. E verdadeiramente não saberia que nome mais conveniente dar a eles que pérola escondida do clero veronês. (Pe. Schloer Luis, *Filantropia della fede*, Roma, 1840; citado no SA, p. 66ss ; Gramática n. 203.)*

Destacamos alguns pontos na vida desta comunidade:

✍ A presença do Padre como superior e guia

Pe. Giacobbe, na sua *Vida* assim descreve os confrades na comunidade dos Estigmas:

Era edificante vê-los... com um só desejo, um único olhar com o superior; humildes sem luxo, pacientes sem ostentações, alegres nas dificuldades e sofrimentos: de nada eram mais desejosos senão de servir a Deus ao obedecer à voz de Pe. Gaspar.

Por ocasião das festas de S. Zeno (1838), o bispo de Treviso, D. Sebastião Soldati, depois da visita a Pe. Gaspar, dirigindo-se aos filhos de Bertoni que o acompanhavam, não conseguiu conter a exclamação: “Como vocês são felizes por terem como superior um grande santo!”

O que significa “ter como superior um santo”? É ter diante de si aquele que abre caminhos, um guia, uma autoridade que traça estradas novas, seguras, estradas que exigem esforço. Significa aquele que motiva fortemente, que propõe grandes ideais; aquele que conhece a cada um profundamente e estimula suas potencialidades; aquele que ajuda a sentir o amor de Deus e faz todos se sentirem importantes.

Pe. Gaspar era humildíssimo e atraía com seu exemplo.

Se à mesa hoje aparece um bom frango assado preparado por Ir. Paulo, os confrades se sentem felizes por poder comer algo especial. Pe. Gaspar é o primeiro a renunciar e, depois, todos os outros, em uma santa competição para imitá-lo.

Se Pe. Gaspar renuncia à fabulosa herança dos Cartolari, todos a ela também renunciavam livremente e, por fim, na capela, cantam o hino de ação de graças.

É bom reler e meditar as Constituições que falam do serviço da autoridade religiosa:

“O ponto principal da caridade é dispor-se antecipadamente a valorizar, ajudar e estimar-se mutuamente. No entanto, é condenável todo desejo de dominação e de poder ou qualquer outra forma de manifestação desse tipo, pois tendem a separar enormemente as pessoas. Portanto, deve-se evitar todo e qualquer desejo de comando ou forma de sobrepor-se aos demais, principalmente quem não exerce o papel de superior, porque tudo isso denota soberba e não favorece a caridade. Se alguém, por motivo do encargo, for obrigado a ter que dar ordens, faça-o como quem não se impõe, mas apenas está indicando o que deve ser feito. Todos, conforme o conselho do Apóstolo, estejam a serviço uns dos outros, de modo que se concretize na prática aquilo que muito bem escreveu S. João Crisóstomo a respeito dos antigos Monges: “Não se vê nenhum deles proferir ou receber injúrias, dar ou receber ordens, mas todos se colocam no número daqueles que servem”.(CF 195)

“Ninguém ouse castigar, admoestar ou repreender um outro, se não tiver autoridade garantida pelo seu encargo ou se não recebeu mandato para isso do Superior, mesmo que, segundo o ensinamento de Cristo, todos devam cooperar, dentro dos limites da caridade, para a devida correção de todos. Portanto, admoestar alguém em base ao princípio da caridade significa apenas propor a ele a questão, apresentando-a com boas maneiras, delicadeza e humildade; numa palavra, pedindo por favor, ao invés de impor com aspereza.”(CF 196)

Pe. Gaspar não forçava, mas sugeria com a autoridade de um santo: forte e suavemente.

Guiava com discernimento e amor aqueles que o procuravam pela sua sabedoria e conselhos iluminados. Seus companheiros o “adoravam”: compreenderam o grande dom que Deus lhes havia dado.

O santo fundador os conduzia no caminho da perfeição através do seu exemplo, das exortações domésticas e conselhos pessoais.

Pe. Benciolini entregou-se completamente em suas mãos, como deixou escrito em um pequeno livro contendo os seus propósitos: “Tu deves reconhecer no senhor Pe. Gaspar um outro Deus na terra acima de ti; suas palavras, como palavras de Deus; sua língua, como o canal através do qual Deus se digna revelar sua mensagem”. Nos escritos que restaram, com facilidade se nota o espírito que Pe. Gaspar infundia em todos.

Carlos Fedelini, ainda subdiácono, deixa entrever as linhas marcantes do ensinamento bertoniano: “As quatro colunas – escreve – que sustentam as Congregações são: obediência, humildade, concórdia, oração”.

Pe. Luiz Biádego, diácono, preparava-se ao sacerdócio sem jamais deixar de lado a oração; quando não estava estudando, era sempre encontrado diante do tabernáculo, rezando.

Ter como superior um santo é lutar contra a preguiça e a apatia; significa vigiar atentamente as “pequenas coisas”, que são aquelas que dão estabilidade à vida comunitária. As pequenas coisas! O cuidado em realizar bem e com amor, sem pressa, as várias tarefas ou o próprio dever dá sabor à vida. Pequenas rachaduras, pouco a pouco, corroem a estabilidade das grandes represas.

Existem defeitos tanto nas congregações fervorosas como nas relaxadas; nas primeiras, eles são corrigidos e são considerados como abusos; nas segundas, eles são disfarçados e passam a fazer parte do dia-a-dia. (MP 22.07.1808)

Nos mosteiros, onde os mínimos detalhes são respeitados, a força dos monges se torna inviolável e reina a paz entre os confrades. Mas onde as mínimas coisas são negligenciadas, tudo se dissipa e é destruído (MP 24.05.1810).

Ficou famosa – escreve P. Nello – a reflexão que Pe. Gaspar dirigiu à comunidade no dia 08 de outubro de 1834 sobre o *oremus* do quinto domingo depois da Epifania. Ao explicar, naquela noite de sábado, que a família de Deus “se fundamenta somente na esperança das graças celestes”, Pe. Gaspar aproveitou a ocasião para reforçar os pontos essenciais de sua espiritualidade do santo abandono. Do mesmo modo a família religiosa estaria, sem dúvida, protegida se tivesse colocado unicamente o seu fundamento na certeza da graça celeste (*São Gaspar*, P. 267).

✍ **A concórdia e a unidade**

Houve um tempo, não muito distante, em que se dizia que os religiosos estavam juntos por acaso, viviam na mesma casa sem se conhecer e morriam sem que ninguém chorasse por eles. Tudo isto soa muito estranho para aqueles que, nos documentos, são chamados à “caridade perfeita” e são considerados “peritos em humanidade”!

Na comunidade de São Gaspar existia verdadeira harmonia e estima. Podemos perceber isto através dos escritos dos primeiros confrades, em suas cartas e nas lembranças daqueles que o conheceram. Concórdia e unidade que conduziam à uniformidade. As cartas de São Gaspar a Pe. Bragato testemunham o afeto recíproco que os unia. São cartas cheias de calor humano e afeto no Senhor.

Pe. Miguel [Gramego] agradece a lembrança e retribui. O mesmo desejam os outros, que o amam muito.

É gratificante reler a parte décima das Constituições originais e pensar no estilo de vida fraterna que viviam os nossos primeiros confrades. É para nós um estímulo – tentados pelo individualismo, fragmentados pelas atividades ou pelo número reduzido de componentes em muitas comunidades – a refazer o mesmo caminho.

✍ **Meios negativos** (CF 191-220)

Pe. Gaspar, seguindo de perto o esquema de Pe. F. Suarez, jesuíta, inicialmente indica os comportamentos negativos que destroem a vida fraterna: agressividade, raiva, dificuldade de perdoar, desavenças, discórdia, murmuração, discussões e disputas acaloradas, autoritarismo, ofensas, difamações, partidarismo, obstinações, grupos fechados, desconfiança, inveja.

✍ **Meios positivos** (CF 221-266)

Sublinho os seguintes pontos positivos: o primado do espírito, o cuidado dos doentes, a hospitalidade, o conforto comunitário, a comunicação através de cartas, o auxílio espiritual.

✍ **A dimensão da fé:** “O amor de Cristo nos uniu”. Se estamos juntos é porque Cristo nos convocou a si. A nossa vida comum não é motivada por fatores humanos, tais como a simpatia recíproca, trabalho em comum, os mesmos interesses, etc.

As nossas são comunidades de fé e os relacionamentos pessoais são guiados pela palavra de Deus e fortalecidos pela efusão do Espírito Santo. Cristo nos chamou a segui-lo, Ele nos escolheu e nos disse: *“Amai-vos como eu vos amei... lavai os pés uns dos outros ... Os reis das nações as governam e aqueles que têm poder sobre elas se fazem chamar de benfeitores. Entre vós não deve ser assim. Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”*. (CF 187).

A fonte do amor recíproco, que o faz fermentar ainda mais, é a união com Deus. O amor aos irmãos é relacionado à medida que se deixa amar por Deus e permite que este amor cresça e se desenvolva na própria vida.

“A disposição interna depende, sobretudo, do progresso espiritual, pelo qual, à medida que a caridade autêntica, isto é, o amor a Deus e a Cristo Nosso Senhor tende a aumentar, também a união entre os confrades evolui e se aperfeiçoa, quanto mais cada um se une a Deus e ao nosso Salvador”. (CF 221)

Através da vida consagrada entramos num caminho de fé e Deus nos dá suas graças para que possamos atingir a santidade. Tendemos a ver e acentuar os defeitos dos outros e somos impedidos de ver e valorizar o esforço, o progresso e as virtudes dos confrades. Se aprendermos este olhar da fé na assídua meditação da palavra de Deus, a inveja desaparecerá e aumentará o amor recíproco e, enfim, a comunhão.

“E já que tal vínculo de união adquire enorme força, a partir da oração e meditação, conforme aquelas palavras: “Ao meditar nisto o fogo se inflamava”, conclui-se que o caminho certo e seguro para se conseguir tal união é exatamente este.” (CF 222)

✍ **Desvelo para com os doentes e enfermos** (CF 234-242):

Nossa caridade se manifesta sobretudo, através da atenção concreta aos confrades mais frágeis ou em dificuldade. Quando temos saúde e vigor juvenil tendemos a priorizar a atividade, a organização, o apostolado. Quando a idade avança, o corpo enfraquece, adocece, começam os achaques, neste momento esperamos que alguém tome conta de nós.

As doenças: Em 1800 as doenças e a morte, muitas vezes, batiam à porta da comunidade dos Estigmas e entravam sem pedir licença. Ali estavam Pe. Gaspar e seus companheiros para acolhê-las com um olhar sereno. *Se vivemos...se morremos...somos do Senhor* (Rm 14, 8), repetia Pe. Gaspar nas constantes visitas aos confrades doentes.

Portanto, o que conta não é ser numerosos, estar sãos e ativos, ou correr de um lado para outro, mas é *ser do Senhor*. Ele sabe o que é bom para nós e para a humanidade.

É bom que, muitas vezes, preocupados com o futuro, escutemos novamente as palavras confortantes de Pe. Gaspar que, mesmo doente, via diminuir sempre mais o número dos seus companheiros. Mesmo assim conservava inalterada a sua paz e confiança em Deus e confortava os outros: *Se vivemos...se morremos...somos do Senhor*.

Pe Gaspar gastava somas enormes para cuidar dos confrades doentes e buscava os remédios possíveis, preocupado em que o doente fosse de tal modo *confortado com a presença dos confrades mais idosos para não sentir o desejo de gozar das comodidades da cidade ou do carinho do afeto materno* (CF 240).

Nossa fraterna e solícita atenção não se dirija somente aos doentes físicos, mas a todos os que se encontram com algum tipo de dificuldade.

“..neste desvelo para com os enfermos, englobam-se todas as obras de misericórdia, com as quais os confrades socorrem-se mutuamente, ora cuidando dos doentes, ora reanimando os que estão em crise, ora ajudando quem está cansado, ora confortando os vacilantes, ora corrigindo e reerguendo os que caem em faltas.” (CF 234)

Ajuda espiritual. A expressão mais importante da caridade fraterna é o auxílio mútuo em vista do crescimento espiritual (CF 262-266). A comunidade é a escola que nos ajuda a amadurecer no amor, encoraja e corrige no caminho da santidade (CF 264-265).

Os nossos padres, nos Estigmas, na escola de S. Gaspar, aprendiam “a gramática” da santidade. Juntos percorreram os caminhos do Espírito e nos transmitiram esta preciosa herança. Esta é a espiritualidade de S. Gaspar, que somos convidados a redescobrir neste Ano Bertoniano, como já escrevi na carta de indicação: “Cada confrade retome pessoalmente o estudo, a leitura da vida do fundador e dos seus escritos...”.

São Gaspar, ótimo mestre de vida espiritual, é nosso exemplo e convida a nos unir a Cristo, a segurar com força seu braço como a Esposa, madura no amor, e a correr e voar onde Ele vai, no Tabor ou no Calvário (cf. Panegírico de S. Francisco). S. Gaspar estimulava todos à santidade, a “nos tornar um retrato de Cristo” (MP 26.02.1809). Vamos ler de novo um trecho de uma carta ao Pe. Bragato:

Mantenha recolhido o seu coração e nele o Espírito que recebeu na oração. Leia sempre o evangelho, os fatos e o que disse Jesus... analise-os detalhadamente através da reflexão e meditação, e coloque em prática o que for necessário para a sua vida. Imite o modo de vida que os santos buscaram seguir. Conforme sua vida segundo o modelo, isto é, a vida de Cristo, nosso Senhor, que iniciou e consumou a fé (Hb 12, 2). E principalmente confie em Deus. (Ms 9694).

O que é necessário hoje, antes de tudo, não são as obras ou programações pastorais. O mundo, a Igreja – e a Congregação – precisam de santos! Ajudemos um ao outro a nos tornar um deles.

As Constituições do Fundador terminam com um capítulo, à primeira vista, desconcertante: *Da denúncia* (CF 308-314), ou seja, o dever de relatar aos superiores “as coisas” dos outros. Evidentemente não se trata de delatar, mas de informar àqueles que, naquele momento, tem a responsabilidade de dirigir o Instituto, comportamentos que possam colocar em perigo os confrades e a congregação.

É um dever, por exemplo, acionar o alarme se tem início um incêndio em casa, ou se um cano d’água estourou ou se se sente odor de gás ou se a parede rachou, etc.

E se um confrade está em perigo, devemos ficar quietos? Se dentro do Instituto existem atitudes inadequadas, devemos fazer de conta como se nada fosse? Deixo a cada um de vocês a aplicação deste princípio à vida comunitária e à província.

✍ A partilha do trabalho dentro de um projeto comum

No dia 30 de maio de 1812, na Igreja de S. Firmo Maior, em Verona, Pe. Gaspar, no momento que se preparava para a celebração da missa, recolhido em oração diante do crucifixo grande, foi acometido de uma suspensão mística dos sentidos (êxtase). Sente ressoar claramente no fundo do coração palavras misteriosas: “Olha este meu coração”. Aquela voz é inconfundível: é, sem dúvida, a Sua voz! “O resultado – escreve no Diário – foi uma grande devoção ao Sagrado Coração e que prosseguiu na santa missa... suaves lágrimas na comunhão. Crescimento das três virtudes teológicas”.

São Gaspar contempla o amor até a morte do Filho de Deus em favor da humanidade e este amor faz vibrar também o seu coração em um movimento de identificação e de partilha da mesma missão: que

todos conheçam o amor do Pai. O zelo “ciumento” de Deus pela “saúde” do homem atacado pela doença do mal, que atinge o seu coração, sua inteligência e sua vontade, atinge São Gaspar de tal maneira, que chega a contagiar desta mesma paixão aqueles que se aproximam dele e se unem para realizar o projeto salvífico de Deus. A missão de Cristo é a missão da Igreja, é a missão do grupo que se consolida ao redor de São Gaspar para “servir a Deus e à Igreja, de modo inteiramente gratuito, como missionários apostólicos em auxílio dos bispos, através dos vários e próprios ministérios da sua vocação sob a direção dos bispos” (CF 1, 2, 3, 49, 161, 185).

Em setembro de 1808, no altar de S. Inácio de Loyola, sentiu que o santo o encorajava bem como a seus companheiros, a lutar contra a antiga serpente, fazendo reviver em si mesmos o seu espírito missionário.

Pe. Gaspar se sentia chamado a realizar a missão que Jesus havia confiado aos Doze como seu colaborador.

Subiu à montanha, foi chamando os que quis, e foram com ele. Nomeou doze [a quem chamou apóstolos] para que convivessem com ele e para enviá-los a pregar com poder para expulsar demônios. (Mc 3, 13-15)

Foram-se e pregavam para que se arrependessem; expulsavam muitos demônios, ungiam com óleo muitos enfermos e os curavam. (Mc 6, 12-13)

Pe. Gaspar – escreve Pe. Lenotti – havia lido manuais de estratégia militar adquirindo certa competência neste assunto. Estava convencido, portanto, que um dos segredos para vencer na luta contra o mal é ter um exército sólido, organizado e obediente às ordens de um general: isto aumenta a certeza da vitória. Não se pode lutar sozinho. Ao contrário, as iniciativas individuais, louváveis e heróicas em si, podem ser catastróficas no fim.

“Certos padres – exclamava durante os exercícios espirituais aos sacerdotes, antecipando o obsequium episcoporum – querem combater em favor de seu Rei, mas quando, como e onde querem e não seguindo as ordens do Rei, seu capitão. Assim acontece com os sacerdotes que gostariam de lutar com Cristo, mas não sob a direção dos bispos e sem seguir as ordens de Cristo... Como é possível que um exército terreno seja melhor organizado que a Igreja militante de Cristo? Ali os soldados não se movem sem a ordem do capitão.

Até uma ação militar corajosa, sem subordinação, pode colocar em perigo a si mesmo e ao inteiro exército.” (Ms 2536)

Uma comunidade, onde não são claros a todos os confrades o objetivo principal e particular que os mantêm unidos, um dia ou outro, se divide e se dispersa. Pode acontecer que todos, até com esforço admirável, trabalhem generosamente, mas cada um por si, sem um espírito e um fim declarado que os una, sem um projeto pastoral único e partilhado, sem ter identificado a urgência à qual se quer responder. A experiência ensina que, com o passar do tempo, surgem no grupo tensões, descontentamentos e abandono.

A finalidade de nossa congregação é única [*Fim: Missionários apostólicos a serviço dos bispos*]. Ela é realizada através de modos e meios diversos, indicados com clareza nas Constituições do Fundador.

Também na primeira comunidade dos Estigmas os confrades, guiados por Pe. Gaspar, exerciam diversos ministérios (aulas, catequese nas paróquias, retiros espirituais, pregações de tríduos e novenas, ensino de teologia, examinadores de vocações, definidores de Moral, oratório juvenil, assistência aos presos, cuidado dos doentes, direção espiritual, trabalho na cozinha, na horta, lavanderia, etc.). Isto é, atuavam em três áreas estratégias clássicas – os jovens, a formação e o auxílio às vocações sacerdotais, a comunidade cristã – através da força dos múltiplos ministérios da palavra e obra santificante dos sacramentos da penitência e da eucaristia. Todos agiam com um

único espírito e com o objetivo de se “dedicar, com todos os meios, à salvação das almas” (CF 76), “procurando o seu bem a custo da própria vida” (Compêndio Marani).

O espírito de corpo realiza o “todos por um e um por todos”. Significativo é o que sugere Pe. Lenotti nas *Instruções*: “Rezemos também pelos irmãos que estão fora em missão, e ainda mais pelo aumento e progresso de nossa congregação. Rezemos muito, confiemos em Deus e Ele não deixará de nos socorrer. Ele voa para atender a quem pede”.

O mesmo sugere Pe. Gaspar em suas Constituições:

“... pedindo a Deus, por meio de celebrações de santas missas, que as missões, as pregações e as confissões alcancem o fruto desejado.” (CF 162)

✍ **A alegria**

Nos Estigmas a alegria era coisa de casa!

Se ela faltasse, a comunidade não teria seguido adiante. Não poderia ser de outra maneira. Quem coloca Deus no centro da vida, já goza a bem-aventurança evangélica. Do ponto de vista humano, motivos para ser alegres eram poucos, mas os nossos primeiros confrades levavam seriamente a vida religiosa; por isso eram... contentes. A felicidade não é consequência do fato de possuir muitas coisas, muito menos de não nos faltar nada. Podemos ver nas pessoas que possuem tudo a insatisfação e o tédio e o desejo infinito de querer sempre mais e mais.

A alegria nasce do saber ser amado. Vocês conseguem imaginar Pe. Gaspar com o rosto triste? Impossível!

As testemunhas nos dizem que dele emanava como que um fluido magnético que encantava os jovens e as pessoas que o visitavam. Fala-se do sorriso de Pe. Gaspar, de sua calorosa acolhida, do seu fascínio ao falar. Pe. César Bresciani, camiliano, no seu panegírico, deixou-nos um retrato muito vivo que quase podemos vê-lo.

*Ao entrar no seu quarto, você se depara com um sacerdote anacoreta, de aspecto venerável, com os cabelos brancos desarrumados, **com um sorriso espontâneo**, modesto ao levantar o rosto e os olhos, de aparência toda humana e gentil, que é afável e em quem se confia. Ele o cumprimenta com respeito e em vez de se mostrar chefe de casa, faz-se passar por servo.*

De uma humildade ingênua, demonstra um vivo prazer em recebê-lo e colocar-se à disposição. A sua fala é suave e pausada, como um encantamento de vozes celestiais

À sua chegada, esteja ele são, com dores, enfermo: ele é todo seu; para você a sua alma, a sua família. (Summ. Add. XXI, p. 207)

Ah, o sorriso de Pe. Gaspar! Pe. Antônio Bresciani, jesuíta, co-fundador da revista *Civiltà Cattolica*, admirava nele “a santidade nobre e generosa, com um sorriso celeste, uma graça séria, uma caridade suave...” O sobrinho de S. Madalena de Canossa, Luís, futuro jesuíta e bispo, assim declara:

Todas as vezes que eu recorri ao Pe. Gaspar em busca de conselho, conforto ou direção espiritual, encontrei-o sempre com um sorriso docilíssimo nos lábios, mesmo que sentisse dores...

Como não recordar aqui as brincadeiras, as caretas que fazia quando estava imobilizado, devido à doença, para reanimar o ânimo dos confrades ou visitantes; ou o famoso diálogo com Ir. Paulo Zanolli, diálogo que continuou por algum tempo, mesmo depois do panegírico de S. Zeno.

– Paulo, ... eu irei ao cemitério?

– Certamente, o senhor como os outros.

Pe. Gaspar dá uma risadinha e continua:

– Paulo, como me responde com franqueza!

Às vezes a brincadeira era com relação à comida ou ao remédio que lhe revirava o estômago, mas que ele engolia como se fosse a coisa mais deliciosa.

– Como vai, Pe. Gaspar?

– Estou aqui porque sou preguiçoso! Respondia. Ainda que, de fato, não suspendia um momento sequer seus compromissos, estudo, oração ou a acolhida de numerosos hóspedes que o procuravam.

Ter senso de humor diante do sofrimento é sinal de um ânimo grande e forte.

Até mesmo seus companheiros eram hábeis na demonstração de alegria.

O exuberante e tímido Pe. Miguel Gramego, a “simpatia da congregação que iniciava”, com os pedaços de queijo à mesa e o terror de falar em público; cada vez que lhe caía um dente, ele o colava na boca vazia de uma caveira que tinha no criado-mudo! Pe. Francisco Benciolini, “a ternura em pessoa”; Pe. Inocente Venturini, o ótimo catequista popular que sabia encantar os seus ouvintes com sua catequese em dialeto. Talvez o mais severo fosse o Pe. Marani, mas, coitado, com tantas doenças! Pe. Bragato, durante suas viagens, sempre que podia, visitava os Estigmas: sinal que era uma alegria estar naquela comunidade. Lendo alguns trechos das cartas enviadas por ele a Pe. Gaspar, podemos sentir o clima de fé que reinava nos Estigmas.

No restante, seja sempre alegre; e quando experimentar um pouco de alegria, voe com o pensamento até o quatinho do Pe. Miguel, se não tiver as asas sempre prontas para pairar nas nuvens, no seio de seu Deus, e nas chagas gloriosas do seu Salvador. Sente ali, como um de seu povo, na beleza daquela paz: tudo acaba, e acaba logo, mas aquela paz eterna não acaba mais. E reze por nós, que nós rezaremos por você. (Ms 9707)

É realmente edificante ler a “disputa” dos dois “Luís” seriamente enfermos, Pe. Biádego e o seminarista Ferrari, que apostavam quem seria o primeiro a ser enviado ao paraíso. O motivo da alegria era dada por Pe. Gaspar, o superior, que os visitava e os confortava com estas palavras:

Devemos ter sempre o sorriso nos lábios: isto indica a alegria do coração e edifica os companheiros e o próximo, unindo-os para fazer o bem. A seriedade, a severidade, a aspereza, ao contrário, afasta e não edifica.

O sorriso nos lábios é a expressão de um coração amigo, de um coração bom, doce, sincero e puro.

O sorriso nos lábios é sinal de um espírito caridoso.

A seriedade mostra um espírito fechado e desinteressado no bem dos outros. Os santos, portanto, tinham sempre este doce sorriso nos lábios, encantavam as pessoas, consolando-as e atraindo os corações a Deus. (Coletânea Estigmatina III, 526)

✍ A pobreza

SOBRIEDADE NA COMUNIDADE

Quando entraram nos Estigmas, no dia 04 de novembro de 1816, os primeiros estigmatinos encontraram uma casa e igreja em ruínas, pouco espaço: uma situação que gelava o coração. Alguns anos mais tarde, a primeira impressão que o visitante tinha entrando nos Estigmas era reconfortante: a simplicidade harmoniosa do ambiente, a ordem, o odor de limpeza que dava satisfação. Pe. Gaspar queria que também externamente aparecesse a graça, a beleza do Espírito. Falava de “pulchritudinis studium”, ou seja, do culto e do amor ao decoro (CF 131) e do perfume da pobreza. Vejamos algumas Constituições:

Não tenham uma aparência afetada, mas simples e natural, voltada mais para a simplicidade do que para a ostentação; um decoro tal que, roupas e demais objetos – tudo muito comum e indicando pobreza religiosa – ajudem a cada um a não padecer necessidade e carência do que se requer para uso pessoal; todavia, nenhuma coisa se apresente com muita aparência de luxo, como disse S. Ambrósio. (CF 134)

Este cuidado exterior, portanto, seja de tal forma simples que exclua qualquer tipo de vanglória e nem venha acarretar desperdício de preparativos e despesas; além disso, seja de tal modo razoável que

exclua qualquer tipo de puro prazer pessoal; enfim, seja de tal modo modesto que exclua qualquer tipo de preocupação supérflua por tais coisas. (CF 135)

Deve-se evitar, entretanto, o desleixo que se despreocupa do desvelo e do esforço exigidos para que o cuidado com a pessoa seja como condiz à sua condição, evite-se também aquele tipo de ostentação que, como diz S. Agostinho, pode alguém usar até mesmo na tristeza, empregada como sinal de luto. Tal tipo de ostentação é muito nocivo, pois se apresenta sob o título de serviço de Deus. (CF 136)

É interessante a regra que fala da mesa preparada para os hóspedes, onde se faz aceno até mesmo a uma certa elegância:

...na mesa procure-se ter muita limpeza, sempre necessária, e uma certa elegância, tais, porem, que não se vá além dos limites próprios do nosso estado de vida. (CF 249)

O amor à beleza é uma atenção característica, cultivada por séculos na Vida Consagrada. Em cada época não é difícil ver como as várias categorias de pessoas constroem os ambientes onde se manifesta a própria concepção de vida: prédios luxuosos, que cintilavam ouro e decorados por afrescos pelos príncipes e papas; os castelos austeros e despojados dos militares; os casebres da miséria. Todos manifestam o ânimo e as condições de seus habitantes. Assim o bairro dos pobres e as cidades caóticas com arranha-céus.

Nos Estigmas, harmonia e recolhimento invadem os corações. Pe. Bresciani concorda com Schloer e fala de “magnificência” do ambiente reconstruído por Pe. Gaspar. Magnificência, na etimologia, significa “tornar grande, conferir grandeza”. Uma alma grande sabe dar um toque de nobreza até nas coisas mais simples. Esta é a arte.

Sim, Pe. Gaspar sentia a sagrada magnificência no fundo do coração...Sim, é magnífico na edificação da casa, das salas de aula, no átrio, na escada, no oratório, que englobam a experiência, a solidez, a simplicidade e beleza; e também um exemplo de rara precisão.

Quando ele iniciou a experiência comunitária eram anos de carestia. O local era insuficiente e inadequado ao objetivo de conter as atividades escolares e a comunidade de Pe. Gaspar. Ao relatar as mudanças cotidianas para transformar os quartos em salas de aula, Pe. Ceresatto usa uma feliz expressão: “Repetida pontualmente todos os dias, durante meses e meses, todos podem imaginar o quanto se tornava prazerosa à natureza este tipo de ginástica...”.

A comida era pouca e sempre a mesma: polenta, sopa de verduras e pedaços de queijo. Mesa modesta e pobre, mas limpa. O tempero é o de uma santa alegria, alimentada, sobretudo, pelo implacável Pe. Gramego.

Conduziam uma vida dura e de rigorosa ascese, que não estimulava muitos a unir-se ao primeiro grupo. Quando Pe. Gaspar foi aconselhado a diminuir um pouco aquela austeridade, respondia “que no início de uma instituição, de modo algum, era excessiva a austeridade que o tempo se encarregaria de diminuir” (Summ. Add. XXIX, 7, p. 608). Somente quando o pedido partiu de D. Grasser, Pe. Gaspar aceitou diminuir um pouco o rigor.

PARTILHA ENTRE OS CONFRADES

Colocar tudo em comum é o que indica a expressão bertoniana *vida comum* no Compendium Rude n.6, e traduz na terra a partilha que se realiza no paraíso, como faziam os primeiros cristãos: *Tinham tudo em comum* porque todos colocavam seus bens aos pés dos apóstolos e colocavam tudo em comum (At 4, 32).

Transcrevo alguns trechos da Instrução do Pe. Lenotti onde comenta o texto das Constituições:

O que se entende por vida comum? Vida comum, no sentido restrito da palavra, quer dizer a vida vivida juntos com tudo o que há na casa e no convento; tudo é comum, todos podem participar de tudo, e

ninguém é dono de nada e ninguém tem propriedade de nada, nada é individual, nem possui uso particular e exclusivo: enfim verdadeira pobreza...

O nosso fundador quer que a vida comum entre nós seja perfeita: sempre a quis e dela foi rigoroso observante. Tudo em comum: roupas...quartos que passam de um a outro, a comida, a recreação. Todos participem de tudo e ninguém seja dono de nada: que bonito!

O Sumo Pontífice Pio IX ao claríssimo Pe. Prepósito (Marani), que satisfação demonstrou, que alegria ao sentir que entre nós existe perfeita vida comum! Irmãos, se não tivéssemos outra coisa que nos console de pertencer a esta Congregação ou agradecer mil vezes ao Senhor, ao menos deveríamos ser-lhe grato, somente por isto!

Cabe a nós proteger a vida comum, com todo o empenho e esforçar-se para que, por nossa culpa, não sejam introduzidos abusos.

Pe. Gaspar, como relata Pe. Lenotti em suas *Memórias*, repetia à comunidade: “Lembremo-nos que somos pobres; se temos algo, não é nosso, mas tudo é do Senhor; não viemos aqui para viver como nobres, mas como pobrezinhos de Jesus Cristo”. (*Summ. Add. XX*, p. 176)

Hoje as coisas estão mudadas, mas o valor da partilha, valorizado até pelos que não freqüentam a Igreja, deve ser adaptado à nossa mentalidade, nas diversas partes do mundo e nos diversos contextos sociais em que vivemos. O princípio que não pode ser esquecido é o de que ninguém pode considerar como sua propriedade qualquer bem que recebeu na família religiosa e, quando lhe for pedido, deve colocar à disposição de todos. O que orienta esta atitude é o amor. É necessário discernimento porque – como disse Pe. Lenotti – “a pobreza é como uma calça elástica que se restringe ou se alarga como se quer!”.

GRATIS OMNINO

Pe. Gaspar, desde quando havia fixado o Regulamento para os Oratórios Marianos, sublinhava a gratuidade no ministério. Era uma indicação de S. Filipe Néri: “Não mexer no bolso dos jovens e de seus pais...”.

Retomemos as Instruções de Pe. Lenotti.

Caríssimos, aqui está a regra mais importante e essencial de nosso Instituto: servir a Deus e à Igreja, e tudo sem receber nada em troca: gratuitamente...

O salário, na outra vida, será ainda maior. Como Jesus Cristo, os Apóstolos, os Santos. O desinteresse (econômico) é um grande ímã que atrai os corações a Deus: fascina os homens que são direcionados ao interesse e à vantagem; sobretudo nos nossos dias em que não se faz nada gratuitamente. O Senhor deu ao nosso venerando Fundador este espírito de desinteresse e ele rigorosamente o observava com fidelidade e escrúpulo a ponto de recusar presentes, heranças, etc. (Coletânea Estigmatina III, p. 411).

Quando se tornou fundador – escreve Pe. Ceresatto – e superior da comunidade estigmatina (concebida como uma esquadra de vanguarda para a renovação espiritual do clero diocesano), Pe. Gaspar foi de uma coerência, em certos casos, desconcertante, na prática da pobreza e no desapego dos bens da terra.

Pe. Gaspar vivia a oração do “Pai-Nosso, dai-nos hoje o pão nosso de cada dia”. O pão de cada dia: compreendido como provisório, não acúmulo. A segurança do amanhã é a providência de Deus, como, no dia 28 de junho de 1813, ele mesmo escreve a Leopoldina Naudet, que estava preocupada em procurar uma sede para o seu grupo de companheiras:

Em nossas igrejas não hajam funerais, nem se recebam estipêndios pelos ofícios fúnebres, nem se aceitem capelarias, nem se realizem aniversários ou outras práticas semelhantes.(CF 92)

Em nossas igrejas não haverá cofres nem sacolas para esmolas.(CF 93)

Ninguém receba algo como recompensa pelos ministérios ou outras atividades espirituais que a Congregação presta ao próximo gratuitamente. (CF 102)

Quando forem enviados para algum lugar, ou lhes for determinado para permanecer em uma localidade, não esperem, nem dos bispos nem dos párocos nem dos superiores, provisões para a viagem ou a para residência; mas, se ofereçam e se dediquem a tudo desinteressadamente. (CF 184)

A gratuidade nos serviços de evangelização (catequese, novenas, aulas, ensino de teologia, exercícios espirituais, retiros...) era partilhada por todos os seus companheiros, convencidos, como o pai fundador, de que “para iniciar a obra o capital necessário é a pobreza, em seguida, todas as outras virtudes (cf. MP 23.07.1809).

Pe. Bertoni possuía bens pessoais herdados e outros que aceitou como doação (ainda que não se saiba de quem) de modo a permitir-lhe e aos seus companheiros de exercer o ministério gratuitamente.

Certamente jamais se aproveitou das riquezas que poderia obter da Áustria, através de Pe. Bragato. Pe. Lenotti afirma que Pe. Bragato recebeu uma proibição expressa de não enviar dinheiro aos Estigmas, mas que o usasse em obras de caridade.

Muitas vezes a imperatriz quis oferecer-lhe grandes somas, mas ele (Pe. Gaspar) recusou tudo elegantemente, até mesmo uma grande soma de ouro por 100 missas que ele se ofereceu de mandar celebrar na intenção dela sem receber nada.

Simpática, mas compreensível é a surpresa e a objeção feita pelo teólogo censor às Constituições do Fundador (1904), relatadas no Summ. Add. Apêndice III, p. 101:

Não posso não dizer que estas regras são belíssimas, mas pergunto: o que fazem para viver os religiosos? Nas Constituições, Pe. Gaspar se cala completamente a respeito dos bens móveis e imóveis do Instituto. Parece-me que eles não vêm de rore coeli (= não caem do céu), não são suficientes ao homem que é composto de alma e corpo; ele tem necessidade também, senão da abundância da terra, ao menos das migalhas que caem da mesa. Portanto, tais regras não podem ser colocadas em prática.

Não estava totalmente errado. De fato, os primeiros padres recebiam juros consideráveis dos bens adquiridos pelo Fundador para a nova congregação. Ele havia aplicado os seus bens no setor mais seguro e rentável da época. Hoje seguramente aplicaria em aluguéis e na bolsa. Pe. Gaspar não era despreparado (as dificuldades econômicas de seu pai lhe ensinaram alguma coisa) e nem avaro. Todavia, mesmo possuindo tais bens, na sua comunidade vivia-se como pobrezinhos de Cristo.

PARTILHA COM OS POBRES

Durante o ano de 1816 e nos dois sucessivos, uma assustadora carestia desolou todas as províncias vênetas. Naqueles anos também em Verona a fome se fazia presente nos rostos magros de inúmeros empobrecidos a quem a caridade dos cidadãos não era suficiente (cf. G. Ceresatto, *Il volto e l'anima*, p. 232).

Atentos aos inúmeros empobrecidos que a carestia havia gerado, à porta dos Estigmas, os padres atendiam todos os dias de 50 a 70 pessoas, oferecendo um pedaço de polenta.

Não é que lhes faltassem os meios: queriam partilhar também com os pobres a austeridade que viviam.

✍ **Formação cultural humana e teológica**

Pe. Gaspar se preocupava com a formação cultural de seus companheiros, principalmente os mais jovens.

Nesta Congregação clerical, cuja finalidade é não apenas contemplar para si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, requer-se uma ciência não comum, completa o mais possível, especialmente a respeito da Fé e da Moral; portanto, é necessário que os religiosos clérigos deste Instituto se apliquem em adquirir uma competência incomum em tal ciência.(CF 49)

Pe. Gaspar desejava que os confrades se exercitassem muito na arte divina de comunicar o Evangelho, desde o noviciado. Peritos em catequese.

Cada um também procurará exercitar-se, de acordo com sua capacidade e a oportunidade de tempo e lugar, na explicação da Doutrina Cristã às crianças e à gente simples. Para tanto, cada qual, logo após o seu ingresso no Noviciado, se aplicará ao estudo da Doutrina Cristã, a não ser que nela antes já se tenha preparado.(CF 37)

Finalmente, aqueles que, durante estas experiências, deram mostras de bom aproveitamento nas virtudes, terminados os estudos e promovidos ao Sacerdócio, aplicar-se-ão por algum tempo ao ministério da pregação e das Confissões. (CF 38)

O cuidado em preparar as pregações na biblioteca e diante da comunidade, era um como se fosse um de “palco” de exercitação.

A espada da palavra de Deus: *esta é a mais penetrante de todas as espadas de dois gumes, que atinge o fundo do alma, fere e vence. Irmãos, precisamos aprender a manejá-la bem, através dos estudos e das santas lições, e usá-la bem segundo as circunstâncias: no confessional, na cadeia, no púlpito, nas missões, nos altares, nos exercícios espirituais, nos oratórios, retiros, conversa familiar, etc, animando-a através do Espírito do Senhor que deve estar sempre no nosso coração, de modo que a palavra saia inflamada a fim de comover e acender os corações dos fiéis. (Coletânea Estigmatina III, p. 410)*

Outra arma, outra espada é a oração. *Devemos colocar em nossa mente que precisamos da oração e exercitá-la com grande fervor. A oração é o canal que o Senhor estabeleceu para dar-nos as graças. Somente a oração obtém tudo; é a chave dos tesouros de Deus; ela é uma doce violência no coração de Deus.*

A oração nos une a Deus, enche-nos de coragem, de luzes e de força. Se o Senhor não nos assistir e ajudar, as nossas palavras irão embora com o vento. Dizia Pe. Vicente Caraffa: para converter as almas é melhor um bom “orador” (que reza) que um conferencista erudito.

Oração para realizar o objetivo de nossa vocação. Rezemos também pelos irmãos que estão fora em missão, e ainda mais pelo aumento e progresso de nossa congregação. Rezemos muito, confiemos em Deus e Ele não deixará de nos socorrer. Ele voa para atender a quem pede.

A formação cultural não era prevista somente em âmbito teológico, mas também em ciências humanas.

Ainda que tais estudos, na Congregação, se refiram, principalmente, à Teologia e Sagrada Escritura, para o conhecimento das quais assídua e incisivamente os membros do Instituto têm que se dedicar, convém, entretanto, que haja alguns que também se apliquem com mais tempo às disciplinas inferiores, de modo que se especializem e sobressaíam nelas pela mesma finalidade acima citada. (CF 58)

Na parte central do convento ele construirá uma biblioteca que será abastecida com “milhares de volumes das editoras mais renomadas”.

Tudo isto se refere à Congregação no seu todo, ou seja, no complexo de seus membros. Poderemos assim afirmar, absolutamente falando, que à Congregação toda é necessária a perfeição em todas as mencionadas disciplinas e línguas. Pois, embora seja difícil, ou moralmente impossível, que todas elas se encontrem de modo cabal e completo, juntamente com a doutrina teológica, em cada um dos indivíduos, todavia no corpo da Congregação podem muito bem se encontrar; isto significa que se requer de seus membros uma verdadeira excelência em todas as disciplinas. (CF 56)

Em cada um dos ramos do saber haja, pois, alguém ou alguns que se apliquem com estudo especial, por um tempo mais longo e com maior empenho, já que isto é de suma utilidade para se poder exercer os diversos ministérios em favor da Igreja, sempre em consonância com a diversidade dos tempos e das circunstâncias. (CF 57)

SEGUNDA PARTE

A vida de comunidade

O exemplo da comunidade dos Estigmas e da vida do nosso fundador focaliza agora a nossa reflexão sobre a vida comunitária hoje.

A vida de comunidade é o sinal, para a Igreja e para a sociedade, daquele laço que provém de um chamamento igual e da vontade comum de lhe obedecer, para além de qualquer diversidade de raça e de origem, de língua e de cultura. Contra o espírito de discórdia e de divisão, a autoridade e a obediência resplandecem como um sinal daquela única paternidade que vem de Deus, da fraternidade nascida do Espírito, da liberdade interior de quem se fia de Deus, não obstante os limites humanos daqueles que O representam. (VC 92)

A vida fraterna, concebida como vida partilhada no amor, é sinal eloqüente da comunhão eclesial. (VC 42)

1. A vida de comunidade com dom de Deus e fruto do esforço humano

A comunhão de vida é dom de Deus, pedido com insistente oração, recebido com gratidão, vivido com empenho constante (Const. 31).

Antes de ser uma construção humana, a comunidade religiosa é um dom do Espírito. De fato, é do amor de Deus difundido nos corações por meio do Espírito que a comunidade religiosa se origina e por ele se constrói como uma verdadeira família reunida no nome do Senhor.

Não se pode compreender, portanto, a comunidade religiosa sem partir do fato de ela ser dom do Alto. (VFC 8)

Por que a vida em comum é dom de Deus? Por que com nossas forças jamais construiremos uma comunidade perfeita?

Pelo simples motivo que ela nasce com uma característica única.

A família religiosa não é um grupo de amigos que se escolhem reciprocamente, composto por quem me é simpático e com pontos de vista em comum. Não é um clube de pessoas afins, com objetivos recreativos ou antropológicos semelhantes. Muito menos é uma família humana com um forte vínculo de sangue que facilita o amor entre seus componentes. Eu não escolhi os confrades de minha comunidade, eles me foram doados.

A comunidade religiosa é uma família reunida essencialmente na fé. Talvez eu não conheça com profundidade os confrades que vivem comigo, mas um fato, sem dúvida, nos é comum e forma o sangue “fraterno” que nos une para sempre: a resposta que demos ao Deus de nossa fé através da vida que escolhemos; além de ter escolhido viver nesta família religiosa, ou seja, a família estigmatina.

Originadas “não da vontade da carne, nem de simpatias pessoais ou de motivos humanos, mas de Deus, de uma divina vocação e de uma divina atração, as comunidades religiosas são um sinal evidente de um primado do amor de Deus que opera as suas maravilhas, e do amor a Deus e aos irmãos, como foi manifestado e praticado por Jesus.

É o lugar onde somos chamados a experimentar a filiação do mesmo pai: cada irmão nos é dado como dom gratuito, em uma relação de amor a ser construída com crescente confiança.

Ó como é bom e feliz os irmãos vivendo juntos (SI 132).

(D. Giancarlo Bregantini, Encontro Estigmatino sobre o Apostolado, Verona, 2002)

O papa nos fala da espiritualidade da comunhão:

Espiritualidade da comunhão significa a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como “um que faz parte de mim”... Deste princípio derivam, com estrita lógica, algumas conseqüências aplicáveis ao modo de sentir e de agir: partilhar as alegrias e os sofrimentos dos irmãos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhes uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus, é saber criar espaço para o irmão, levando os fardos uns dos outros. Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. (Partir de Cristo 29).

A disposição interna depende, sobretudo, do progresso espiritual, pelo qual, à medida que a caridade autêntica, isto é, o amor a Deus e a Cristo Nosso Senhor tende a aumentar, também a união entre os confrades evolui e se aperfeiçoa quanto mais cada um se une a Deus e ao nosso Salvador. (CF 221)

Viver em comunidade hoje é muito mais difícil. No passado, o contexto social e a formação facilitavam a vida juntos. Ela é algo muito bonito, mas deve ser fundamentada na paciência do dia-a-dia e as dificuldades não são poucas.

Dificuldades de natureza humana e psicológica

“O rosto do irmão se ofusca no caminho da vida devido ao cansaço em lidar com as diferenças naturais de sensibilidade e caráter. (D. Giancarlo Bregantini, Encontro Estigmatino sobre o Apostolado, Verona, 2002).

Temos sensibilidade diferente, idéias diversas, entendimento diferente e tudo isto não facilita “humanamente” o nosso estar juntos.

Quem sabe mais do que nós afirma que, às vezes, desencadeiam-se dinâmicas psicológicas que criam conflitos profundos que podem ser sanados somente através do diálogo e da aceitação recíproca. Vivemos dramas comunitários de incompreensão. Muitas vezes discussões sérias. É importante aspirar à uma vida de comunhão fraterna, mas devemos admitir que a comunidade perfeita é uma utopia difícil de realizar: não é possível uma comunhão humana perfeita. Na convivência humana sempre haverá uma margem de comunhão frustrada, de conflito inevitável, de solidão de difícil solução. O esforço em construir a comunhão implica em saber carregar a cruz, assumir a negatividade, o conflito, a divisão, as limitações e deficiências de si mesmo e dos confrades. Somente assumindo a realidade se pode construir comunhão.

Dificuldade de natureza cultural

A sociedade de hoje, conduzindo as pessoas a raciocinar de maneira egoísta, não facilita a vida em comum. Cada vez mais cresce o pensamento e a convicção de que se pode conduzir a própria vida sozinhos.

A pessoa (sobretudo as novas gerações) tende a considerar a realização do próprio projeto de vida em chave estritamente pessoal, usando de tudo o que encontra à sua frente como meio ou oportunidade para realizá-lo.

No contexto da vida religiosa, o jovem, que se aproxima da congregação, é levado a considerar como ela pode servir à realização da sua vida,

Assim, muitas vezes, durante a formação inicial os nossos confrades jovens são entusiasmados, mas no momento da profissão perpétua ou nos primeiros anos de sacerdócio a dura realidade da vida os coloca em crise. O sonho que construíram tende a dissolver-se porque faltou um confronto entre o projeto pessoal e o projeto e carisma da família religiosa à qual pertencem.

Retomo alguns pontos do diretório geral porque considero pérolas preciosas que nos indicam o valor da comunidade como algo de insubstituível na vida religiosa.

27.1 A presença dos irmãos é condição imprescindível para que a Congregação possa ser fiel à sua missão apostólica indicada pelo Fundador.. É além disso, para todos um sinal da excelência da nossa vida consagrada.

32.2 A diferença de idade, de preferência, de opiniões, pode representar riqueza para a comunidade. A fim de que não haja dificuldades para a unidade, os confrades se acostumem a ouvir os outros, a respeitar suas idéias, defendendo as próprias com sinceridade e confiança, sem rispidez. A franqueza no diálogo leva à unidade de pensamento e ação.

32.1 Os confrades cultivem as virtudes humanas e sociais, como a sinceridade, a delicadeza, o respeito mútuo, a gentileza no trabalho, a discrição, a pontualidade, o asseio pessoal e a limpeza dos locais e das coisas.

A presença dos meus confrades é algo de precioso porque somente *juntos* podemos formar uma família e permanecer vivos na história.

Eles não são pessoas a ser evitadas! Uma comunidade não pode subsistir sem eles e a Congregação dos Estigmatinos se torna uma realidade enriquecida.

Cada um de nós, portanto, dentro da Congregação é muito importante, precioso, único com suas características (qualidades e defeitos). A Congregação estigmatina não é uma entidade abstrata, mas uma realidade concreta, formada por cada nome, cada rosto que, até hoje, fizeram parte dela.

Quantas vezes tive a impressão de que nossos confrades “recolhem os remos da barca”, achando que fazem pouco pela congregação e se fecham em uma inércia que é antecâmara da morte. É necessário que acordemos e sejamos mais corajosos em nossas atividades e apostolado.

Mais do que grandes virtudes: elas são simples virtudes humanas que nos recordam nossas Constituições. Virtudes humanas que devem ser cultivadas como terreno precioso e húmus onde nasce a vida comunitária: a sinceridade, a delicadeza, a gentileza, o respeito.

Temos grande respeito pelos leigos com os quais trabalhamos, mas quando voltamos à comunidade (sem querer generalizar) tratamos mal nossos confrades (às vezes, como se não fossem humanos). Existem confrades que, diante da dificuldade em construir comunidade, pensam que seja inútil gastar tantas energias, especialmente nós que estamos intensamente envolvidos na ação e condicionados a uma cultura ativista e individualista. (cf. VFC 12)

Portanto, para construir a comunidade, humana e nascida da fé, é necessário a ajuda de Deus e muito esforço de cada um. Quem abraça a vida religiosa deve pressupor o seguinte:

Acreditar na comunhão não consiste somente na alegria que os confrades sentem quando se acolhem um ao outro. Acreditar na comunhão é também lutar por ela sem desistir. Saber levar a cruz com esperança enquanto se trabalha pela comunhão ainda ausente, é a prova de que somos animados pelo Espírito da Trindade.

A prova da maturidade consiste em amar e construir a comunhão com os confrades reais que Deus me deu e não em lamentar as suas misérias. Como dizia Bonhoeffer: Quem alimenta os seus sonhos de como deve ser uma comunidade distante da comunidade real à qual pertence, torna-se destruidor de todas as comunidades cristãs: ainda que sejam honestas, sérias e abnegadas as suas intenções pessoais". (Carta sobre a comunidade)

Eis porque a **devoção aos Santos Esposos** entra de maneira vital nas nossas relações de vida comunitária:

Aprendam....o amor à pobreza, a dedicação à oração e à meditação, a obediência pronta, até nas coisas difíceis e contrárias à natureza, o amor a Deus a cuja glória unicamente se deve aplicar, e o amor ao próximo, a cujo bem se esforce por encontrar até às custas da própria vida. (Compêndio Marani, ano 1854).

O mistério dos esposais contém todos os valores da nossa consagração religiosa e apostólica. A experiência contemplativa, da fé, da obediência à palavra de Deus, da comunhão de intenções e de afetos se torna paradigma, exemplo e estímulo à vida de comunhão de nossas comunidades. Não faltam dúvidas e dificuldades a este casal de esposos, mas com a sua vida comunitária tornam-se cooperadores da redenção.

Pe. Marani em seu panegírico (cf. Collectanea Stimmatina I, p. 377 ss) sublinha as características desta vida esposal.

Os Santos Esposos formam uma unidade e representam o projeto de uma aliança nupcial anunciada na Bíblia e que espera a realização nas núpcias do Cordeiro. Eles exprimem na forma mais completa a união de Cristo com a Igreja. Constroem uma comunhão de vida na qual a chama da caridade unia os dois corações em um. Através de sua vida, permitem ao Verbo de Deus se encarnar e trazer a salvação ao mundo.

2. Elementos de vida comunitária

a) Uma família que comunica

Na renovação destes anos, aparece como a comunicação é um dos fatores humanos que adquirem crescente importância para a vida da comunidade religiosa. A mais sentida exigência de incentivar a vida fraterna de uma comunidade traz consigo a correspondente demanda de uma mais ampla e mais intensa comunicação.

Para se tornar irmãos e irmãs é necessário conhecer-se. Para se conhecer aparece como muito importante comunicar-se de forma mais ampla e profunda. Dá-se hoje maior atenção aos vários aspectos da comunicação, ainda que em medida e em forma diversa nos vários institutos e nas várias regiões do mundo. (VFC 29)

Nossa época se apresenta como o tempo das grandes comunicações. Espaço e tempo se tornaram pequenos. Hoje, notícias, documentos, etc., viajam de um lado ao outro do planeta num piscar de olhos.

A comunicação interna dos institutos desenvolveu-se muito. Aumentaram os encontros regulares de seus membros em nível central, regional e provincial; os superiores normalmente enviam cartas e sugestões, visitam com maior frequência as comunidades e foi se difundindo o uso de boletins e de periódicos internos. (VFC 30)

Mesmo assim a comunicação entre nós é cada vez mais difícil. Usam-se meios de comunicação cada vez mais sofisticados, mas ao invés de aproximar as pessoas, eles as tornam insensíveis e distantes.

O considerável impacto dos meios de comunicação social sobre a vida e a mentalidade de nossos contemporâneos atinge também as comunidades religiosas e lhes condiciona não raramente a comunicação interna. (VFC 34)

Esta qualidade da vida comum é o centro do nosso estar juntos, que se infiltra como uma cor em nossos relacionamentos.

Devemos ter a coragem de rever como estabelecemos esta comunicação.

Qualquer forma de comunicação comporta itinerários e dificuldades psicológicas particulares que podem ser afrontadas positivamente mesmo com a ajuda das ciências humanas. Algumas comunidades tiraram vantagem, por exemplo, da ajuda de peritos em comunicação e de profissionais no campo da psicologia e da sociologia. (VFC 33)

Observem bem que não é suficiente o bilhete colocado sob a porta do superior avisando-o onde se vai, ou no quadro de avisos da comunidade onde são assinalados todos os compromissos e atividades. A comunicação também se dá através destas atitudes, mas não é só isto. É o encontrar-se na fé com o confrade, pessoa que, como nós, escolheu viver a sua consagração a Deus na vida religiosa na família estigmatina. É comunhão de pensamentos, de intenções, de desejos, de projetos, de sofrimentos, etc.

Às vezes, temos medo de nos comunicar porque nos sentimos julgados pelo superior ou pelos confrades e pensamos que eles estão sempre prontos a avaliar e julgar as escolhas que fazemos.

Se, ao contrário, se instaura um relacionamento de confiança recíproca, a realidade tende a melhorar certamente. E quantas vezes a tranquilidade voltou em nossos relacionamentos somente porque tivemos a coragem de comunicar algo de nós mesmos, do nosso trabalho.

A comunicação assume alguns aspectos particulares que apontamos aqui.

b) Uma vida efetivamente comum

No lugar

Não posso criar vida comum se vivo sozinho e tenho contatos esporádicos com meus confrades. Elemento basilar para a vida comum é “viver juntos”.

Alguém pode dizer que não é garantido que se **viva** a vida comum quando se é membro de uma comunidade numerosa. Não é garantido que o estar fisicamente longe da comunidade ou da província constitua uma separação da comunidade ou da congregação.

Seguindo um velho provérbio que diz: “Longe dos olhos, longe do coração”, não concordo com estas afirmações, mesmo se a exceção confirma a regra (Lembrem-se de Pe. Bragato em Praga e mesmo assim vivia em comunhão com os confrades dos Estigmas). Forma-se a vida comum estando juntos, vivendo juntos.

A comunidade se forma onde existe um número suficiente de confrades. A sabedoria das Constituições e de vários Diretórios provinciais determinaram um número mínimo de confrades para formar juridicamente uma comunidade. Porém, as “necessidades” apostólicas obrigam a constituir comunidades “incompletas” (um ou dois confrades); muito comum hoje devido ao problema do número de confrades.

Devemos ponderar atentamente tais soluções e considerá-las efetivamente de forma provisória. Posso afirmar que vi atualmente nas províncias, na pessoa dos provinciais, um sério esforço de formar comunidades “visíveis”.

No tempo

Como se constitui uma vida comum onde um confrade está sempre ausente, onde a casa da comunidade é considerada uma pensão onde se vai somente para dormir, comer...e às vezes nem isso. Até a nossa casa material deve se tornar importante.

c) Na partilha dos

Bens materiais

A partilha dos bens, sinal e fruto de uma verdadeira comunhão de vida entre os confrades, exige: Uniformidade e semelhança em todas as coisas; corresponsabilidade na gestão econômica dos bens da comunidade segundo as competências de cada um; assumir as exigências e os problemas que dizem respeito à província e a toda congregação.(Cost 21)

Em todas as Congregações este se mostra um campo muito delicado:

A uniformidade da mesa, a sobriedade dos meios usados para o próprio apostolado e a partilha das estruturas da comunidade. Colocar em comum o dinheiro que nos é dado e que não é nosso, mas de toda a família religiosa.

Em detrimento disto, alguns confrades tendem a construir em torno de si uma ilha de tranqüilidade econômica exclusivamente pessoal: minha comodidade, meu carro, meu dinheiro.

Bens espirituais

A comunhão fraterna se estende também ao trabalho e à direção das obras, traduzindo-se em colaboração efetiva.

Exige informação sobre o andamento da vida da comunidade e das atividades, estudo comum dos problemas, revisão comunitária periódica, interesse de todos pelo trabalho de cada um. (Const. 33)

Comunicar os bens espirituais significa também partilhar as próprias esperanças, projetos, trabalho, sucessos e fracassos, momentos de dificuldades.

Tende os mesmos sentimentos e o mesmo amor. Sede cordiais e unânimes. Com grande humildade julgai os outros melhores do que vós. Ocupai-vos dos interesses dos outros e não somente dos vossos. Vossas relações mútuas sejam fundados sobre o fato de que estais unidos a Cristo Jesus» (Cf. Fl 2, 2-5).(VFC 33)

Quanta dificuldade, por exemplo, em partilhar com um confrade a alegria de um sucesso. Valorizar algo de positivo que ele realizou pelo Reino de Deus e pela Congregação! Achamos mais fácil acentuar os erros cometidos. Existe uma certa reserva (falsa humildade??) em relatar na comunidade o que se realizou de bom.

Em algumas comunidades existe comunicação sobre assuntos e problemas marginais, mas raramente se fala sobre coisas essenciais e daí começa a surgir o perigo de buscar relacionamentos significativos fora da própria comunidade.

E assim nas comunidades aparecem confrades carrancudos, briguentos, tímidos, intratáveis e com dificuldade de comunicação na comunidade, mas extremamente sociáveis com os de fora. Ali são soltos, serenos e criativos.

A questão dos “amigos” e das “famílias amigas” (aquelas casas que mais frequentamos) está presente mais ou menos em todas as nossas províncias. Não é um mal em si. Recordemos na vida de Cristo a presença da família de Lázaro. É uma presença de amizade como religiosos, onde podemos dar testemunhos do nosso ser. Um sacerdote ou um religioso dentro de uma família é uma presença preciosa, que pode sustentar o caminho de fé de seus componentes.

Tudo isso é bom até o momento em que se torna para o confrade um motivo para “fugir” da comunidade e para não querer viver nela. E que não se torne, em alguns casos, um lugar de desabafo onde se fala mal dos próprios confrades. A comunidade é a nossa família, por isso tenhamos cuidado em não substituí-la por outra coisa que possa tornar-se perigosa para a nossa vida religiosa.

d) Oração em comum,

A oração em comum é a base da vida comunitária.

A oração é alma do crescimento da vida espiritual. Ela se expressa em formas litúrgicas, comunitárias e individuais. Alimenta em nós o espírito de oração através do qual, na busca constante de crescimento, a oração se torna vida e a vida oração. (Const. 38)

Às vezes, as nossas atividades não nos deixam tempo para dedicar à vida espiritual. Damos a desculpa que depois rezaremos a sós, ou com os fiéis.

A oração em comum exige fidelidade a um horário, perseverança:

Em virtude da perseverança e da consolação que nos vêm das Escrituras, mantenhamos viva a nossa esperança (...), para que, com um só ânimo e uma só voz, gloriquem a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Rm 15, 4-6)

Também a nossa Congregação descobriu a oração litúrgica comum, fruto da espiritualidade pré-conciliar dos últimos decênios.

A celebração em comum da Liturgia das Horas, ou ao menos, de algumas partes, revitalizou a oração de muitas comunidades que tiveram um contato mais vivo com a Palavra de Deus e com a oração da Igreja.

A celebração ou concelebração eucarística comunitária nos coloca diante da Palavra de Deus e do pão consagrado dando vigor ao nosso apostolado comum e ajudando a superar o cansaço. As situações de necessidade nas terras de missão que exigem que celebremos a eucaristia com o povo, não nos façam perder o gosto de rezar e concelebrar juntos.

Em algumas províncias e comunidades existe a prática da *Lectio Divina*, partilha da Palavra de Deus, experiências de fé e das preocupações apostólicas. Além disso, não podemos esquecer as nossas devoções e festas (cf. Const. 39-42) que dão ritmo ao ano litúrgico e ano de oração estigmatino.

e) Partilha do projeto da comunidade

A comunhão fraterna se estende também ao trabalho e à direção das obras, traduzindo-se em colaboração efetiva.

Exige informação sobre o andamento da vida da comunidade e das atividades, estudo comum dos problemas, revisão comunitária periódica, interesse de todos pelo trabalho de cada um. (Const. 33)

Se vivemos em uma comunidade religiosa e atuamos em uma obra apostólica da província, a vida comum significa conhecer, assumir e esforçar-se na realização do projeto comum. Programação, partilha do trabalho, avaliação comum são as três etapas que nascem de uma verdadeira vida de comunidade.

Não posso deixar de lado o projeto comum para criar o meu trabalho apostólico, feito à minha medida e segundo a minha vontade e manter os confrades longe dos meus projetos. Dentro da comunidade nascem as novas idéias, novas projeções, novas estradas, que depois serão executadas por todos. Nem todos devem fazer tudo (é bom ressaltar o princípio de co-responsabilidade). No espírito de São Gaspar, devemos aprender a colaborar, programando e trabalhando juntos entre nós e com todas as forças ativas da diocese na qual atuamos, unindo-nos e sustentando iniciativas que os outros conduzem, sem inveja ou ciúme, colocando à disposição os nossos meios e estruturas.

f) Atenção aos confrades idosos

Os confrades enfermos ou idosos participam da vida e do empenho missionário da comunidade. (Const. 34)

Algumas províncias têm a presença concreta de confrades idosos, outras deverão enfrentar esta realidade no futuro.

Não podemos aceitar o critério de eficiência física para inserir um confrade em nossa família religiosa. Somos chamados a formar comunidade não obstante os nossos limites provenientes de nossas condições físicas e limitações.

Portanto, é bom que os nossos confrades idosos permaneçam o maior tempo possível em nossas comunidades. Eles têm certamente muito a contribuir com sua sabedoria e experiência à comunidade, se ela aprender a estar próxima com atenção e capacidade de ouvir.

São muitos os modos de viver a sua vocação: na oração assídua, na aceitação paciente das próprias condições, na disponibilidade de servir onde e como for possível.

O cuidado dos idosos e dos doentes é uma parte relevante na vida fraterna. A atenção primorosa que eles merecem não responde somente a um preciso dever de caridade e de gratidão, mas é também expressão do reconhecimento pelo testemunho vivido e porque a sua missão continua válida e cheia de méritos. Na realidade, mais do que na ação, a missão apostólica consiste no testemunho da própria dedicação plena à vontade salvífica do Senhor (VC 44).

g) Sustentados pela mão do Senhor

Uma dificuldade que vejo na vida comunitária é a incerteza da figura do superior local. O seu papel e a sua figura, no tempo, perdeu sua noção, e hoje quase perdeu o seu significado. Houve um tempo em que tudo estava nas mãos do superior e os confrades pareciam “servos” à sua disposição. Hoje vivemos uma época de “falsa liberdade” e o superior se tornou uma espécie de “para-raios” (é aquele que suporta o mau humor da comunidade; quando algo não funciona bem a culpa é do superior; quando falta alguma coisa...). A província São José iniciou um trabalho de revisão sobre este assunto.

“Para reencontrar o sentido e a qualidade da vida consagrada, uma tarefa fundamental é a do superior, a quem é confiado o serviço da autoridade.” (RdC 14).

evolução dos tempos que conduziu a busca de amadurecimento da vida de comunidade na participação de todos os confrades, colocou em risco o perigo de ofuscar e de não entender o papel da autoridade.

Enquanto para alguns é considerada até mesmo desnecessária para a vida da comunidade, para outros é redimensionada à simples tarefa de coordenar as iniciativas de cada confrade (VFC 48).

A diminuição numérica dos componentes da comunidade (três ou quatro) instaurou a convicção de que a presença do superior é opcional: para que um superior para dois ou três confrades?

O seu papel se tornou insignificante. De um lado, em algumas províncias existe a dificuldade em encontrar quem queira exercitar este papel. De outro lado, há alguns que almejam esta posição para exercitar um domínio absoluto e intransigente sobre os confrades. Existem casos de confrades que se tornam irreconhecíveis quando chegam a ser superior, pois renegam quase tudo aquilo que antes diziam ou faziam: antes eram paladinos do diálogo e da participação, e acusavam o superior de ser intransigente, hoje se tornaram fechados e intransigentes em relação aos confrades.

No documento *Partir de Cristo* aparecem claras as características do superior.

- ✂ Homem do espírito: convencido de que a vida juntos é um elemento fundamental da consagração religiosa.
- ✂ Homem do diálogo e da unidade: todos os confrades vivem juntos para construir apostolicamente o Reino de Deus no projeto comum de nossa congregação. Deve guiar todos na direção deste objetivo estimulando os confrades a participar dos encontros comunitários segundo o que dizem nossas Constituições.

Nenhum superior pode renunciar à sua missão de animação, de ajuda fraterna, de proposta, de escuta e de diálogo. Só assim é que a comunidade toda poderá achar-se unida na plena fraternidade, no serviço apostólico e ministerial. (RdC 14).

Não é fácil, em ambientes fortemente marcados pelo individualismo, fazer compreender e aceitar a função que a autoridade desempenha em proveito de todos. Mas deve-se confirmar a importância desta tarefa, que se revela necessária exatamente para consolidar a comunhão fraterna e não tornar vã a obediência professada. Se a autoridade deve ser, em primeiro lugar, fraterna e espiritual e, por conseguinte, quem dela está revestido há-de saber associar, pelo diálogo, os irmãos e as irmãs ao processo decisório, convém todavia recordar que cabe à autoridade a última palavra, como lhe compete depois fazer respeitar as decisões tomadas.(VC 43)

E se a cada confrade é requerida a participação ativa ao projeto da comunidade, ao superior compete, no exercício do diálogo e do discernimento, conduzir os seus confrades a uma plena comunhão.

Nosso confrade, D. Giancarlo Bregantini, apresenta-nos a figura de São José como a imagem do verdadeiro superior (casto, obediente e prudente).

É casto, isto é, livre e aberto

Da mesma forma um superior, ama as atividades de todos, como se fossem suas. Sente todos como filhos. É como S. José, que é pai sem ser genitor de Jesus. Da mesma maneira o superior é leal, claro, amável, trata todos como filhos e os faz sentir-se importantes, todos, sem preferência de pessoas ou exclusões.

S. José é obediente. Capaz de acolher e escutar a vontade de Deus, no sonho angustiante da busca de sua vontade diante do mistério de Maria. Uma busca que divide em dois o coração, feito de respeito e não de suspeita. Como quem não se sente à altura da tarefa que lhe foi confiada e tenta voltar atrás, recusar o dom, foge e se refugia no seu mundo e na comodidade. O anjo recorda a S. José sua tarefa na lógica da realização do querer divino, porque o que foi gerado nela é obra do Espírito Santo. Assim acolhe e recebe na sua casa, acredita e obedece, arrisca e ama.

Mas é também prudente. Não segue caminhos impossíveis, não estabelece escolhas absurdas. Sabe captar o momento, sabe acolher e não desprezar as fragilidades dos outros. Uma presença feita de sabedoria e coragem esclarecedora. (cf. D. Bregantini, conferência citada)

3) . Sentir com a Congregação

A vida comum não está ligada a uma só comunidade ainda que temporariamente se concretize nela. vida comunitária significa assumir o projeto da minha congregação. Por isso não posso me desinteressar daquilo que acontece fora da minha comunidade e do meu apostolado, como se fosse a única coisa no mundo. Hoje estou aqui, amanhã posso estar em outra comunidade, num compromisso pastoral da minha província.

A fidelidade ao carisma do Fundador é entregue a toda Congregação.

Nossos horizontes devem ir além da comunidade em que trabalhamos para nos inserir na vida de toda a congregação: de fato, este é o lugar da fidelidade à tradição e do empenho para a contínua renovação. (Const. 30)

Se há algo que falta hoje nos confrades é este sentimento de pertença à comunidade, à província e à congregação. Não tomam conhecimento e não participam do que acontece e do que se projeta na comunidade, na província e em toda congregação.

O sentimento de pertença se adquire principalmente através da informação, realizada com os meios e nos modos mais amplos possíveis. Creio que nos últimos anos a nossa família tem melhorado a este respeito.

A solidariedade se adquire participando de todos os acontecimentos provinciais que nos são propostos a fim de ensinar a olhar além do nosso “pequeno mundo”.

O sentimento de pertença se adquire através dos encontros internacionais de formação permanente e do intercâmbio de confrades em diversas áreas de trabalho apostólico; através da formação em comum dos jovens provenientes de culturas diferentes.

Enfim, o sentimento de pertença se cultiva através do conhecimento da nossa história. Dirijo-me especialmente às novas gerações que chegam ao nosso Instituto. Eles devem ser formados no conhecimento de nossa história, da história da província, não para louvar em vão o passado, mas para compreender as raízes do momento atual. Não se pode sempre iniciar tudo de novo. Isto também vale quando se chega em uma comunidade nova.

Tantos capítulos gerais, tantos encontros, tantos momentos que formam a nossa história de congregação e que devem fundamentar os projetos novos de esperança!

Nossa história é: conhecer a vida do fundador e compreender o caminho que ele nos indicou e na situação atual, entrar no espírito do seu carisma.

4) . Pessoa e Congregação (Const. 27)

Gostaria de retomar por último a parte final da Constituição 27. Considero-a de um equilíbrio e sabedoria notáveis.

Const. 27: *O Padre Fundador reuniu seus companheiros em uma comunidade baseada no modelo dos primeiros cristãos e dos apóstolos. Cada confrade vive sua consagração apostólica na casa religiosa em comunidade, como numa família reunida em nome do Senhor, colocando em comum os próprios recursos para vantagem de todos.*

A comunidade seja para os confrades ambiente bastante adequado para o desenvolvimento pleno de cada um.

A constituição, claramente formulada em duas partes, funde-se com sabedoria em uma só unidade.

A escolha de responder à minha vocação, eu a concretizo historicamente no interior de minha congregação. A minha pessoa, os meus dotes, as minhas características eu as coloco a serviço de um projeto de vida e de apostolado que me são apresentados e que eu assumo.

Com o passar do tempo, todo confrade se torna parte viva da minha família e contribui ao seu crescimento com sua presença e atividade.

Esta constituição sublinha que o nosso viver nesta família é para sempre e totalmente. É uma atitude espiritual a ser conquistada. Alguns confrades se colocam fora da congregação e a observam como se fosse um corpo estranho aos seus projetos e vida. Talvez usando um pouco de maldade digo: se a congregação lhes “serve”, tudo vai bem e permanece nela, mas se, ao contrário, ela não os “serve”, eles estão sempre prontos a abandoná-la para realizar o seu projeto pessoal em outro lugar.

A segunda parte desta constituição, com admirável sabedoria, acentua que a congregação aceita todos os confrades não como um número dentro de um grupo, como um soldado de um batalhão, que se coloca em fila para fazer o que os outros decidem. Ao contrário, a congregação como uma mãe procura dar a cada um a possibilidade de desenvolver, incrementar os seus dons e qualidades em sintonia com o projeto congregacional.

Na minha história pessoal devo somente agradecer a Deus por ter encontrado os Estigmatinos. Devo honestamente reconhecer que a congregação me deu os meios, lugares, pessoas e formação para desenvolver os meus dons e características. Sem este “seio materno” que me alimentou, a minha vida não teria, certamente, possibilidades.

A sabedoria da vida religiosa é integrar as características pessoais com o carisma e projeto de santidade e apostolado da própria família religiosa.

Retomo alguns pensamentos iluminadores do documento *Vida Fraterna em Comunidade*

È necessário perseguir o justo equilíbrio, nem sempre é fácil de alcançar, entre o respeito à pessoa e o bem comum, entre as exigências e necessidades de cada um e as da comunidade, entre os carismas pessoais e o projeto apostólico da comunidade. E isso, afastando-se tanto do individualismo desagregante quanto do comunitarismo nivelante. A comunidade religiosa é o lugar onde acontece a cotidiana e paciente

passagem do «eu» ao «nós», do «meu» empenho ao empenho confiado à comunidade, da busca de «minhas coisas» à busca das «coisas de Cristo».
(VFC 39)

Para alcançar essa «sinfonia» comunitária e apostólica, é necessário:

Cultivar o respeito mútuo com o qual se aceita o caminhar lento dos mais fracos e, ao mesmo tempo, não se sufoca o desabrochar de personalidades mais ricas. Um respeito que favorece a criatividade, mas que também sabe fazer apelo à responsabilidade e à solidariedade para com os outros.

Orientar para a missão comum: cada instituto tem sua missão para a qual cada um deve colaborar de acordo com os próprios dons. O caminho da pessoa consagrada consiste justamente no consagrar progressivamente ao Senhor tudo aquilo que tem e tudo aquilo que é para a missão de sua família religiosa.

Lembrar que a missão apostólica está confiada, em primeiro lugar, à comunidade e que isso, muitas vezes, comporta também a direção de obras próprias do instituto. A dedicação a tal apostolado comunitário faz amadurecer a pessoa consagrada e a faz crescer em seu peculiar caminho de santidade.

Ter em mente que cada um dos religiosos, quando recebe a obediência missões pessoais, deve se considerar enviado pela comunidade. Esta, por sua vez, cuide de sua atualização regular e os integre na avaliação dos trabalhos apostólicos e comunitários.
(VFC 40)

Conclusão

Estas são as minhas reflexões. Desejo que elas sejam de auxílio, durante este ano, a retomar com confiança e esperança nossa vida comunitária e a nos preparar ao encontro internacional de formação permanente sobre a vida estigmatina que acontecerá no mês de junho de 2004.